

Bancos ainda esperam carta de Larosière para tomar decisão

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — Em uma rápida viagem a Washington na quinta-feira, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, parece ter conseguido mudar um clima francamente desfavorável à extensão dos pagamentos do principal da dívida externa brasileira, bem como das linhas de financiamento comercial e interbancário. Membros do comitê de coordenação dos bancos credores do Brasil dizem que as decisões finais a respeito ainda não foram tomadas. Esclarecem que esperam ver os termos da carta que o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, deverá mandar aos bancos, no início da semana.

As fortes dúvidas a respeito da disposição de Larosière aprovar, embora com reservas, a política econômica brasileira parecem ter desaparecido. Diversos fatores induziram uma mudança nas inclinações do diretor-gerente. A primeira delas é que, de todos os grandes devedores latino-americanos, o Brasil está em melhor situação; atualmente, apesar dos temores que o surto inflacionário dos últimos três meses ainda causa entre os burocratas do FMI.

“O Brasil está crescendo, continua exportando e acumulando reservas e, portanto, tem dinheiro para pagar. Se o México e a Argentina estivessem na mesma situação atualmente, poderíamos ficar mais tranquilos”, confessa o vice-presidente de um dos maiores credores americanos do Brasil. Deixar de recomendar uma política que está dando

resultados seria irracional e deixaria o FMI politicamente vulnerável, raciocinam outros observadores.

O sucesso de Funaro também resultou da retórica comedida que usou tanto nos encontros com Larosière quanto com o influente presidente do banco central americano, Paul Volcker, com quem o ministro da Fazenda passou mais de duas horas em animada conversa. “Ele mostrou tanta preocupação quanto nós com a inflação, é um homem responsável”, disse um assessor de Volcker. E quando pintou com cores fortes a calamidade provocada pelas secas na regiões agrícolas mais produtivas do país, Funaro falou de problemas que seus interlocutores já tiveram que enfrentar também.

Segundo as análises do FMI e o Banco Central americano, neste ano o Brasil poderá, além disso, continuar acumulando reservas e assim pagar os juros de sua dívida. Graças à queda do dólar, o déficit comercial americano está diminuindo e, por causa disso, as pressões protecionistas deverão diminuir em 1986. Além disso, as economias da Europa Ocidental parecem estar saindo agora da estagnação dos últimos dois anos e deverão voltar a absorver mais exportações brasileiras.

Os interlocutores de Funaro não esconderam, contudo, preocupações com a inflação nem sua expectativa de medidas ainda mais austeras para contê-la. A forma em que essa preocupação ficará refletida na carta do FMI aos bancos definirá, em última análise, as prerrogativas das linhas de crédito e dos pagamentos da dívida brasileira.